

A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE EM CONTEXTO ESCOLAR¹

Manuela Ferreira*

* Instituto Politécnico de Viseu – Escola Superior de Saúde

ENQUADRAMENTO

A promoção da saúde sexual na escola, numa perspetiva interdisciplinar, assenta numa encruzilhada de conhecimentos e contribui para o desenvolvimento sereno das crianças e jovens. A escola é o espaço onde os jovens passam a maior parte do seu tempo, certamente o espaço onde surgem os primeiros estímulos amorosos, estando os adolescentes sedentos de informação. Neste contexto, a formação deve ser robusta, tanto do ponto de vista científico, como ético e de desenvolvimento da cidadania. Através de projetos de intervenção em meio escolar, a Educação para a Saúde (ES) tem vindo a ganhar relevo na promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva (SSR) dos adolescentes, assumindo-se como um importante contributo para a sua formação pessoal e social. A promoção da SSR dos jovens deve ocorrer numa perspetiva de desenvolvimento de uma sexualidade esclarecida e saudável, com ganhos de literacia na área, onde a responsabilidade individual e a tomada de decisão assumem um papel crucial na garantia de comportamentos sexuais positivos para a saúde e para a qualidade de vida (Dias, 2009). É neste contexto que a escola se situa, podendo ser um agente privilegiado na educação para a sexualidade e para os afetos, cabendo-lhe ensinar e educar de forma a favorecer o desenvolvimento global dos alunos, fomentando atitudes e valores e incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e respeitadores (Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde [GTES]).

Como referem Santos Silva et al. (2001), será da responsabilidade do professor o desempenho de diversos papéis, “o de mediador do conhecimento, o de orientador das aprendizagens e ainda o de facilitador do desenvolvimento de competências relacionais

¹ Sumário pormenorizado da Lição de acordo com o estipulado na alínea c) do Artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 239/2007 de 19 de junho para Provas de Agregação em Educação. Realizado em outubro de 2021, provas realizadas em 16 e 17 de março de 2022, revisto em junho de 2025.

e pessoais” (p. 9). Trata-se de encontrar a melhor forma e os recursos mais eficazes para todos os alunos aprenderem, isto é, para que se produza uma apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes que se trabalharam, em conjunto e individualmente, e que permitem desenvolver as competências necessárias à vivência de uma sexualidade responsável e gratificante. Na lecionação de conteúdos de educação para a sexualidade, nas diferentes unidades curriculares, o professor terá de ser capaz de refletir e de questionar criticamente as finalidades e conteúdos do ensino, de questionar as suas práticas e de, a partir delas, produzir novos conhecimentos e adequar esses conhecimentos às necessidades dos seus alunos.

A interdisciplinaridade facilita o conhecimento sobre sexualidade humana em todos os domínios: biológico, psicoafetivo e social, promovendo o desenvolvimento de competências afetivas e sociais, surgindo como:

“prática de ensino que promove o cruzamento dos saberes disciplinares, que suscita o estabelecimento de pontes e articulações entre domínios aparentemente afastados, a confluência de perspetivas diversificadas para o estudo de problemas concretos, (...) enfim, que possibilita alguma economia de esforços e até mesmo uma melhor «gestão de recursos»” (Pombo et al., 1994, p. 16).

A concretização desta metodologia no âmbito da educação para a sexualidade, em contexto escolar, implica que todos os professores deem o seu contributo, deixando de haver um trabalho isolado de apenas um professor. Esta interação pode ir desde a simples comunicação de ideias até à integração mútua dos conceitos fundamentais, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da investigação e do ensino correspondentes. Um grupo interdisciplinar compõe-se de pessoas que receberam formação nos diferentes domínios do conhecimento (disciplinas), tendo cada um conceitos, métodos, dados e temas próprios. Todas as áreas do conhecimento contribuem para o desenvolvimento de algumas temáticas mantendo a sua estrutura disciplinar. Não significa acrescentar conteúdos, mas sim intencionalidade de impregnar o ato didático de informação sobre sexualidade. O saber disciplinar é conjugado como uma questão de vida diária de todos nós. A interdisciplinaridade representa uma mais-valia na lecionação de conteúdos sobre afetos, relações afetivas, sentimentos, atitudes e competências emocionais e sociais, porque potencia as relações interpessoais entre professor-professor, professor-aluno e aluno-aluno.

SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA DOS ADOLESCENTES

A educação para a saúde e a literacia para a saúde assumem-se como ferramentas indispensáveis para o processo de *empowerment*, processo entendido como a capaci-

tação dos adolescentes pela liberdade e a informação que lhes permitem. Neste sentido, as orientações da tutela definem a educação SSR como uma ferramenta eficaz para promover a literacia em saúde dos jovens. A saúde escolar potencia a sua intervenção através da sua relação com a promoção do pensamento crítico e influencia a capacidade de tomada de decisão, particularmente ao nível da saúde. A escola, pelo papel central que desempenha de incentivar a literacia e de contribuir para o sucesso educativo de todos os seus intervenientes, surge como *setting* ou espaço educativo prioritário (Ramiro et al., 2013). Melhorar a literacia em saúde, na escola, equivale a “capacitar e dar poder a todos os elementos da comunidade educativa para assumirem a responsabilidade pelos seus comportamentos em saúde” (Direção-Geral da Saúde, 2014, p. 46).

A promoção da SSR adquire uma importância particular no grupo dos adolescentes, uma vez que o processo de desenvolvimento psicossocial e de identidade sexual é uma das principais tarefas no desenvolvimento da adolescência, caracterizada por algum grau de experimentalismo, apropriado e socialmente adaptativo. Porém, apesar do envolvimento em atividades de risco poder ser normativo, estes comportamentos podem ter implicações na saúde e bem-estar dos jovens (Simões, 2007). Neste âmbito, e de forma a aumentar a literacia em SSR nos adolescentes, Reis et al. (2013) referem a necessidade de se compreender a influência dos fatores psicológicos e comportamentais implicados na adoção de comportamentos de risco sexual por parte dos adolescentes. Os mesmos autores fazem referência a alguns desses fatores, nomeadamente: a perceção de (in)vulnerabilidade face às infeções transmissíveis sexualmente; a perceção das normas sociais, designadamente se no grupo de pares é importante, ou não, a utilização de contraceção; as expectativas associadas à utilização de contraceção (dificuldade em obter contraceptivos); a (in)capacidade de planear um acontecimento futuro; a (falta de) autoeficácia; a (des)confiança nas capacidades para utilização de métodos contraceptivos numa base consistente; a dificuldade em comunicar com o parceiro sexual e com os pais sobre contraceção; o tipo de relacionamento amoroso.

Alguns estudos relatam o uso inconsistente do preservativo e práticas incorretas no uso da contraceção por parte dos adolescentes (Eaton et al., 2012; Sociedade Portuguesa de Ginecologia & Sociedade Portuguesa da Contraceção, 2015). Dados nacionais recentes sobre a saúde dos adolescentes, integrados no estudo internacional Health Behaviour in School-Age Children (HBSC), revelam que a grande maioria dos adolescentes ainda não teve relações sexuais, mas dos que já tiveram (16,1%), para cerca de dois terços (76,2%) as relações sexuais aconteceram aos 14 anos ou mais e uma elevada percentagem usou preservativo como método de proteção (70,5%). A maioria dos adolescentes afirma que utilizou contraceção na última relação sexual, sendo o preservativo masculino o método privilegiado por ambos os géneros, mas as raparigas referem utilizar mais frequentemente o preservativo do que os rapazes (72,9% das raparigas vs. 66,3% dos rapazes). Os adoles-

centes que não utilizaram preservativo, cerca de um terço, apontam como motivos da não utilização o não ter pensado nisso (42,3%), não ter preservativo no momento (31,8%), os preservativos serem caros (26,1%) e o terem bebido álcool em excesso (23,9%). Aproximadamente um terço das adolescentes (30,1%) utiliza a pílula contraceptiva e são os adolescentes mais novos e do género masculino (referindo o seu uso pelas companheiras) que mais frequentemente utilizam este método contraceptivo (Matos et al., 2014). Costa (2015) realizou um estudo, através do qual pretendeu identificar os conhecimentos, atitudes e crenças de adolescentes face à sexualidade e à ES em meio escolar, bem como analisar as suas concepções acerca de uma sexualidade saudável. O estudo contou com uma amostra de 289 estudantes dos 8.º e 10.º anos de duas escolas públicas do parque escolar da Unidade de Cuidados da Comunidade Santo Tirso, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos. Os resultados revelaram que a maioria dos alunos teve em dois anos letivos ES na escola, avaliando-a como muito importante. A grande maioria dos alunos relatou que alguns jovens da sua idade já tiveram relações sexuais, tendo apontado como a principal razão para a iniciação sexual o fator experimentação, considerando que utilizaram o preservativo masculino como método contraceptivo na primeira relação sexual.

No que diz respeito aos conhecimentos demonstrados pelos alunos sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), os modos de transmissão do VIH/SIDA, a utilização de métodos contraceptivos e da pílula do dia seguinte/emergência, foram as raparigas e os alunos do 10.º ano que evidenciaram níveis maiores de conhecimento. Os alunos que referiram ter ES na escola manifestaram mais conhecimentos sobre as formas de transmissão e prevenção do VIH/SIDA e sobre o preservativo masculino. Na maioria, os alunos do 10.º ano relataram que não seria desconfortável obter preservativos no Centro de Saúde, conversar com o par acerca do uso do preservativo e rejeitar ter relações sexuais, caso o par não o queira usar. No que concerne às concepções dos alunos sobre uma sexualidade saudável, o mesmo estudo revelou que os alunos do 10.º ano aludiram mais a dimensão psicológica e social da sexualidade, enquanto o foco das concepções dos alunos do 8.º ano centrou-se na dimensão biológica, particularmente na saúde física e reprodutiva. Certo é que cada vez mais os adolescentes passam mais tempo na escola, sendo este um espaço onde muitos adolescentes experienciam as primeiras relações de namoro, partilham ideias, opiniões e tomam decisões quanto à sexualidade (Nelas et al., 2010). Neste sentido, a ES deve constituir-se como uma dimensão do processo educativo, um meio para ganhos de literacia em SSR, o que em Portugal ocorre, normalmente, no âmbito dos projetos de Educação para a Saúde das escolas, através de um trabalho desenvolvido em parceria com as equipas locais de Saúde Escolar.

No que concerne às fontes que os adolescentes recorrem para saber mais sobre sexualidade e VIH/SIDA, o estudo de Matos et al. (2010) revela que 65,8% dos adolescentes procura informação na Internet, seguidos dos que afirmam que liam um folheto (59,7%); quanto às fontes de informação em termos de SSR, os adolescentes evidenciaram preferência pelo folheto (76,4%) e pela Internet (72,5%). Outros estudos destacam, como principais fontes de informação dos adolescentes no que se refere a questões de SSR, os amigos e a Internet (Reis et al., 2013; Capuano, 2009; Vilar et al., 2009). Esta informação deve apoiar as estratégias a ser seguidas pelo professor na leção dos conteúdos de ES.

Relativamente aos conhecimentos dos adolescentes face à sexualidade, alguns estudos mostraram que os adolescentes ainda revelam poucos conhecimentos sobre ISTs e sobre questões práticas referentes aos métodos contraceptivos (Brêtas et al., 2009). Em relação aos conhecimentos sobre as infeções sexualmente transmissíveis, por norma, os estudos descrevem a VIH/SIDA como a mais conhecida pelos adolescentes. Quando questionados acerca dos meios de transmissão do VIH, a maioria dos adolescentes sabe identificá-los corretamente, com as raparigas a manifestarem melhor nível de conhecimento (Ramiro et al., 2011; Matos et al., 2012; Reis et al., 2013). Ramiro e colaboradores (2011), no estudo “Sex education among Portuguese adolescent students”, analisaram os efeitos da ES nos conhecimentos e atitudes face ao VIH, tendo observado que os adolescentes que referiram ter ES na escola possuem mais conhecimentos acerca das formas de transmissão e prevenção do VIH/SIDA.

A promoção da SSR implica a educação sexual, a que correspondem as aprendizagens específicas acerca das várias dimensões da sexualidade e, mais especificamente, da sexualidade dos adolescentes. Esta educação assume-se como um processo contínuo, ao longo de todo o processo formativo, e abrange várias componentes, nomeadamente, a física, a psicológica, a erótica, a genital, a relação diádica ou a experimentação, entre outras. Para ser bem-sucedida, a ES deve ter em consideração uma abordagem que seja *holística*, ou seja, atenda às dimensões biológica, psicológica, afetiva e social da sexualidade, visto pretender-se promover nos jovens a capacidade de escolha e decisão; *sistemática*, isto é, não deve resumir-se a atividades pontuais; e *pronta*, deve iniciar-se quanto mais precocemente possível, visto ser mais difícil alterar comportamentos do que promovê-los (Ramiro et al., 2008). Estes autores defendem ainda que um programa de ES deve ser centrado nas necessidades da população-alvo, ou seja, deve ter em atenção a heterogeneidade dos jovens, quer em termos de características e vivências, quer em relação à sua religião, meios socioeconómicos, diferentes graus de maturidade, experiência e orientações sexuais; deve visar a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de atitudes e competências pessoais e sociais; deve ser baseado em teorias e factos cientí-

ficos e atualizados, isto é, não se pretende defender teorias pessoais ou crenças religiosas, mas a veiculação de informação rigorosa, resultante de um estudo científico sistemático.

Um fator fundamental para a transformação das atuais condições de SSR nos adolescentes é a apropriação de um tipo de conhecimento que questione os atuais padrões sociais e afirme novos modos de convivência e práticas sociais, isto é, um conhecimento que fundamente uma postura crítica e democrática, abordando os aspetos emocionais, culturais e éticos que envolvem o tema em questão. Neste sentido, é fundamental a contribuição das escolas, em parceria com outros agentes educativos, como os profissionais de saúde, na implementação das dimensões filosófica, histórico-sociológica, psicológica e biológica, num programa educativo que vise a construção de um sentido ético e saudável da sexualidade e da reprodução humana, que possa impulsionar a formação dos adolescentes como cidadãos (Ramiro et al., 2011). Os professores, enquanto atores e formadores em ES, são intervenientes-chave para a garantia do sucesso na ação educativa, ao implementarem programas e processos assentes na interdisciplinaridade.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE DOS ALUNOS DO 3.º CICLO

No âmbito da ES, o ensino em interdisciplinaridade exige do professor uma atitude que vai além do exposto nos conteúdos da unidade curricular. É necessário ter uma postura ativa e criativa, estimular o interesse no assunto da sexualidade de uma forma geral e utilizar diversas disciplinas como ferramentas para compreender cada dimensão dos conceitos a utilizar. Pressupõe um trabalho de planeamento conjunto de conceitos e quando serão trabalhados na respetiva disciplina. Os conteúdos devem ser convergentes, de modo a proporcionar uma visão multidimensional e integrada. O professor pode não ser especialista na área, embora deva estar devidamente informado sobre a sexualidade humana e possuir competências comunicacionais, ser confiante e estabelecer com os seus alunos uma relação de confiança, facilitadora da abordagem destas temáticas.

Na perspetiva da interdisciplinaridade, o professor não é um mero transmissor de conhecimentos, mas antes um facilitador da construção destes, juntamente com os seus alunos; o professor é, por conseguinte, um pesquisador que possibilita aos alunos, também, a prática da investigação. Tomazetti (1998, citado por Azevedo & Andrade, 2007) aponta a problematização como metodologia para a reconstrução de conhecimento, dando condições ao aluno de autonomia na sua aquisição. O professor pesquisador é um agente necessário a uma formação alicerçada na interdisciplinaridade.

O conceito de interdisciplinaridade não reúne consenso, não se conseguindo delimitar a fronteira exata a partir da qual uma determinada experiência de ensino pode ser dita interdisciplinar e não multidisciplinar, pluridisciplinar ou transdisciplinar. Mesmo na literatura especializada, não aparece uma definição unívoca do conceito de interdisciplinaridade. Por exemplo, Jean Luc Marion (1978) e Vaideanu (1987), citados por Pombo et al., (1993) definem a interdisciplinaridade como a cooperação de várias disciplinas no exame de um mesmo objeto. Por seu turno, para Piaget (1972, citado por Pombo et al., 1993), a interdisciplinaridade aparece como intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas, tendo como resultado um enriquecimento recíproco. Palmade (1979, citado por Pombo et al., 1993) vai mais longe, propondo que por interdisciplinaridade se entende a integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas, com o propósito de dar uma visão unitária de um sector do saber. Resweber (1981, citado por Pombo et al., 1993) afirma que a interdisciplinaridade ultrapassa a pluridisciplinaridade, porque vai mais longe na análise e confrontação das conclusões, porque procura a elaboração de uma síntese a nível dos métodos, leis e aplicações, porque preconiza um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objeto de estudo se complexifica através dos métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematidade e mútua relatividade. Na mesma ordem de ideias, Piaget (1972, citado por Pombo et al., 1993) considera que, à etapa das relações interdisciplinares, se sucede uma etapa superior que seria a transdisciplinaridade, a qual não só atingiria as interações ou reciprocidades entre investigações especializadas, mas também situaria estas relações no interior de um sistema total, sem fronteiras estáveis entre disciplinas.

O trabalho interdisciplinar não se constrói facilmente; requer um crescente aumento da quantidade e qualidade das colaborações entre áreas disciplinares, vontade de superação de obstáculos, como as diferenças entre conceitos e linguagens próprias, métodos e objetos de estudo. Após definir as áreas disciplinares e conteúdos a lecionar por cada uma, todas as etapas de trabalho devem ser programadas, conjuntamente, em reunião de conselho de turma. Assim, é preciso traçar o caminho para cada disciplina: i) como cada matéria abordará o tema, em que ponto do programa e quantas aulas serão necessárias para isso, como se dará a integração entre cada disciplina; ii) definir expectativas de aprendizagem: quais os objetivos gerais e específicos de cada disciplina em relação à educação sexual e qual o resultado esperado; iii) sequenciar as atividades no cronograma do período; iv) propor metodologias de avaliação de conhecimentos dos alunos e da própria estratégia utilizada, de modo a fornecer dados à instituição de ensino sobre os resultados alcançados.

Neste processo interdisciplinar, não é suficiente a mera troca de informações entre as diversas disciplinas; é sobretudo preciso que haja comunicação entre elas, para promover

aprendizagens em cada uma. Numa perspetiva integradora, a linguagem comum deve associar-se à comunicação entre as disciplinas. Esta perspetiva é crucial para que os docentes, através de um processo de construção coletiva, desenvolvam boas práticas interdisciplinares, em que a participação das diversas áreas do saber, com as suas peculiaridades, seja capaz de produzir aprendizagens significativas. Durante a implementação das atividades, a interação entre os professores deve ser permanente, a fim de garantir a efetividade nos resultados. Por fim, é importante colher feedbacks, tanto dos próprios alunos como da observação de cada professor em relação aos conteúdos ministrados. A partir das avaliações dos resultados, a escola pode pensar em introduzir melhorias para estratégias futuras.

A ES numa estratégia de interdisciplinaridade deve, em cada disciplina, recorrer às diferentes técnicas pedagógicas e selecionar as mais adequadas, quer à disciplina, quer aos conteúdos a lecionar. Os programas devem incluir múltiplas atividades educativas concebidas para melhorar os níveis de literacia e empoderar os jovens para tomadas de decisão promotoras da sua saúde sexual e reprodutiva.

As estratégias ativas e interativas permitem desenvolver um processo coletivo de discussão e reflexão, em que cada um pode aprender mais sobre si e sobre os outros, e também ampliar o conhecimento individual e coletivo sobre ES, transmitindo conhecimentos, possibilitando a reflexão sobre temas e conceitos relativos à Sexualidade, desconstruindo preconceitos. Estas estratégias possibilitam ainda a transformação e consolidação do conhecimento, onde alunos e professores são “sujeitos ativos” na sua construção. Os programas a implementar devem contribuir para a valorização da educação sexual numa perspetiva de promoção da saúde sexual e reprodutiva dos alunos.

Para que uma estratégia pedagógica sirva como ferramenta educativa libertadora deve ser utilizada em função de temas específicos, com objetivos concretos e aplicados de acordo com os participantes. As sessões desenvolvidas devem recorrer a metodologias ativas e à reflexão crítica sobre diferentes temáticas ou conteúdos abordados. Só assim podemos compreender o que pensam os adolescentes e os professores relativamente ao que sentem, ao que vivem, ao que questionam, bem como as suas necessidades face às questões da sexualidade. A Educação Sexual deve ir além da mera transmissão de conhecimentos, para que os jovens possam ser os protagonistas do desenvolvimento do seu próprio projeto (Zapian, 2003).

As diferentes disciplinas conjugam-se no desenvolvimento das múltiplas atividades para abordar os fatores protetores e de risco, numa lógica de intervenções continuadas no tempo, tendo em conta que os programas de sucesso apresentam, pelo menos, 12 a 20 sessões (UNESCO, 2010). Em cada contexto, os professores poderão selecionar quais os conteúdos a abordar, bem como os momentos e métodos para o fazer (Ferreira et al.,

2022). Para um mesmo objetivo, adequado às diferentes disciplinas e às competências previsivelmente já desenvolvidas pelos alunos ao nível do 1.º e 2.º ciclo, propomos que, por exemplo, na disciplina de Ciências Naturais, no capítulo referente aos conteúdos “Transmissão de Vida”, sejam tratados os temas referentes ao funcionamento do sistema reprodutor humano e a contraceção (Tabela 1).

Tabela 1

Distribuição dos Conteúdos Programáticos por Disciplina

Disciplina	Capítulo	Conteúdo de Educação Sexual
Ciências Naturais	Transmissão da vida	Funcionamento do sistema reprodutor humano Importância do conhecimento genético Métodos contraceptivos
Inglês	Doenças e acidentes	Gravidez adolescente: porque os acidentes acontecem
Geografia	Contraste de desenvolvimento Dimensões da qualidade de vida	Cultura da qualidade de vida Fecundidade Adolescência
História	Processo de globalização e integração na comunidade europeia	Evolução histórica da contraceção Natalidade Questões e género O papel da mulher na sociedade
Matemática	Probabilidade: comparação de probabilidades de diferentes acontecimentos compostos	Período fértil Prevalência de doenças sexualmente transmissíveis Taxa de Gravidez indesejada Taxa de Gravidez adolescente
Educação Física	Identificar os fatores associados a um estilo de vida saudável	Higiene corporal Sexualidade: Afetos, namoro, proteção do corpo contra diferentes tipos de violência
Francês	Discriminação e violência	Violência no namoro e violência de género Aproximações abusivas
Português	Textos argumentativos Crítica Carta	Afetividade Amizade Amor
Educação Visual	Códigos de comunicação visual	O corpo sexuado
Físico-química	Ligações químicas	Mecanismos de ação da contraceção

Fonte: (Ferreira et al., 2022)

O professor envolvido no projeto é o utilizador de charneira das metodologias mais adequadas. Deve ter a preocupação de promover o desenvolvimento de competências inter-pessoais e emocionais que possibilitem relações saudáveis e gratificantes com os outros. Deve ser capaz de promover atividades, promotoras de interação, confiança, cooperação e espírito de grupo; estas devem propiciar um ambiente relacional positivo e contemplar trabalhos de pesquisa individual, a pares ou em grupo; “tempestade” de ideias; resolução de problemas a partir de situações-modelo ou reais; jogos de clarificação de valores; utilização de questionários para recolha de opiniões; *role-playing* ou dramatização; visitas de especialistas; produção de cartazes; caixa de perguntas; fichas de trabalho; exploração de vídeos e outros meios audiovisuais; Internet e e-learning; realização de *webquests*; grupos focais e formação interpares (Ramiro et al., 2008). Também Frade et al. (2001) propõe estratégias pedagógicas com objetivos específicos, a saber:

Quebra-gelo: Consiste num conjunto de dinâmicas de carácter lúdico (algumas semelhantes a jogos infantis ou juvenis), que permitem relaxamento, descontração e união entre os vários elementos de um grupo. Ajuda a diminuir possíveis tensões, desinibindo as pessoas para o “encontro” ou a dinâmica seguinte. Pode ser uma brincadeira onde as pessoas se movimentam e se descontraem. Estas dinâmicas são recursos que quebram a seriedade do grupo e aproximam as pessoas;

Brainstorming: O Brainstorming (traduzido do inglês como “chuva de ideias”), mais que uma técnica de dinâmica de grupo, é uma atividade desenvolvida para explorar a potencialidade criativa de um indivíduo, ou de um grupo, com objetivos pré-determinados, neste caso, no âmbito da ES. A troca livre de ideias sobre um tema, fornecido pelo professor/moderador, permite a partilha de informação, sem formulações morais, e conhecer o nível de informação dos alunos sobre determinado tema. Após as sugestões dos alunos, deve-se aprofundar a discussão e esclarecer as dúvidas e as ideias erradas;

Caixa de perguntas: Consiste na recolha prévia e anónima de perguntas com interesse para a turma ou grupo sobre temas relacionados com a sexualidade. Pede-se a cada pessoa que desenvolva uma ou duas questões numa folha de papel e, posteriormente, a dobre e coloque dentro da caixa de perguntas. De seguida, irá proceder-se à reflexão conjunta e resposta às mesmas;

Barómetro de atitudes: Através de frases polémicas e à partida não consensuais para todos (que remetem para valores e atitudes), divide-se a turma ou o grupo, em pequenos grupos e pede-se que estes se posicionem face às frases apresentadas. Cada grupo, depois de discutir entre si, posiciona-se utilizando os seguintes cartões: Não Concordo, Concordo e Não Concordo nem Discordo. Possibilita o debate aberto e dinâmico sobre diferentes conceitos e representações em torno da sexualidade, bem como “trabalhar” as questões que se ligam aos direitos humanos, à solidariedade e à ética;

Histórias de vida e/ou Correio sentimental: É oferecido a dois ou três participantes um papel com uma “história de vida” ou “posição” que retrate uma situação de vulnerabilidade e risco, nomeadamente relacionada com a gravidez na adolescência, questões afetivas ou ISTs, por exemplo. Um aluno pode fazer o papel de um/a pai/mãe, de um/a namorado/a, de um/a amigo/a, etc. Permite debater e abordar, em grupo, temas relacionados com a sexualidade, em que os participantes podem experimentar colocar-se “no lugar do outro” e exprimir sentimentos e dúvidas em relação à “história de vida” representada;

Role-play ou dramatização: Permite o reconhecimento dos papéis sociais habitualmente representados e apresenta estratégias de resolução de problemas partilhados por todos. Consiste na simulação de pequenos casos ou histórias em que intervém o número de participantes/personagens que se desejar. É dado a cada participante um papel com uma história a incorporar consoante o tema a trabalhar. Não devem demorar em média mais que 15 minutos e devem ser posteriormente finalizadas com um debate em grupo. Trata-se de uma dinâmica que permite provocar um debate e uma troca de ideias e opiniões. Pode permitir ainda trabalhar a assertividade (o saber dizer “sim” ou “não”), o ser capaz de olhar o outro de frente, expressar sentimentos e, até, conseguir colocar-se no papel/vida de outra pessoa;

Ficha de avaliação de conhecimentos ou questionários: De uma forma geral, as fichas de avaliação de conhecimentos ou questionários podem ser utilizados para recolher informação, conhecimentos e opiniões existentes no grupo acerca das questões que se ligam à SSR. No entanto, também podem ser utilizados para transmitir conhecimentos. Depois de preenchidos (individualmente ou em grupo), com a ajuda de um professor ou de um técnico, pode-se proceder à resposta, permitindo uma consolidação de conhecimentos. Pode também funcionar como levantamento de necessidades;

Bingo Humano: Trata-se de um jogo dinâmico, de carácter lúdico, que permite fornecer informação sobre cada adolescente, permitindo que interajam uns com os outros, aprendendo a conhecerem-se melhor. Dá-se a cada adolescente um bingo de cartão “Bingo Humano” que contém diversos quadrados, cada um com uma afirmação sobre a temática a trabalhar. Depois, cada um retira de um saco um cartão/quadrado de cada vez, que foram previamente misturados (cada cartão/quadrado tem uma afirmação); após ser lido em voz alta, cada adolescente, que se reveja nessa afirmação, assinala-a no seu cartão “Bingo Humano”;

Ficha de comportamentos de risco: Permite compreender quais os conhecimentos e atitudes que o grupo tem em relação a comportamentos de risco face à gravidez não desejada, ISTs, entre outros. Trata-se de uma ficha realizada em pequenos grupos que implica a sistematização de comportamentos considerados com muito risco, com algum risco e sem risco relativamente à situação a trabalhar. Após o preenchimento da ficha,

é pedido que o porta-voz de cada grupo partilhe com os restantes grupos se houve, ou não, consenso entre os vários participantes, se foi, ou não, difícil, o porquê das suas afirmações e respostas. Após todos os grupos apresentarem os seus trabalhos, um professor ou um técnico faz a correção/esclarecimento de algumas dúvidas;

Questionário de expectativas: Tem como objetivo compreender as expectativas que determinada turma ou grupo apresenta face a uma atividade, programa ou projeto que se pretende realizar. Também pode permitir um levantamento de necessidades dos diversos elementos;

Produção de cartazes e/ou materiais: Trata-se de uma forma de organizar informação recolhida e pré-pesquisada sobre uma determinada temática (livros, textos, fotografias, gráficos, brochuras, etc.), para posteriormente ser apresentada ao grupo, no sentido de fomentar a discussão e a partilha de grupo;

Visitas de estudo: As visitas de estudo com um objetivo pré-definido proporcionam aos adolescentes um motivo de entusiasmo e excitação. Constituem, habitualmente, um momento de partilha, de enriquecimento de conhecimentos e aquisição de experiências. A visita de grupo pode ainda ser complementada com um trabalho em subgrupos, em que são pedidas opiniões, sínteses ou dúvidas que tenham sido suscitadas durante a visita;

Trabalhos de grupo ou de pesquisa: O trabalho de grupo participativo é essencial numa perspetiva de atelier. O objetivo é proporcionar aos adolescentes um espaço de reflexão conjunto. O trabalho de pesquisa é um estímulo interessante para as atividades académicas, ajudando a clarificar ideias e permitindo o questionamento e construção de conhecimento relevante para as temáticas em discussão;

Visionamento de filmes: O visionamento de filmes didáticos permite à turma ou ao grupo levantar um conjunto de questões e trabalhá-las em conjunto, de uma forma “aberta” e informal. Pode dar lugar, posteriormente (e com a ajuda de um professor ou técnico), à consolidação e ao aprofundamento de conhecimentos;

Resolução de problemas/dilemas: Discussão de situações nas quais nenhuma é satisfatória. Os dilemas morais são situações em que nenhuma solução é satisfatória. Com os exercícios de dilemas morais, pretende-se desenvolver a capacidade de pensar racionalmente sobre problemas sociais, confrontando os alunos com opiniões e posições morais divergentes das suas. É importante realçar, através das conclusões dos debates de dilemas, a importância de nos colocarmos no lugar do outro e de respeitar as suas opiniões que, na maioria dos casos, poderão ser tão válidas como as nossas (Frade et al., 2001).

A ES numa estratégia de interdisciplinaridade deve, em cada disciplina, recorrer às diferentes técnicas pedagógicas e selecionar as mais adequadas, quer à disciplina, quer aos conteúdos a lecionar. Algumas mudanças de paradigma deverão ser feitas para que cada agrupamento de escolas e, conseqüentemente, cada conselho de turma assuma a interdisciplinaridade como uma mais-valia no ensino desta e de outras temáticas. Poderá haver a necessidade de estabelecer parcerias, nomeadamente, com os profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, psicólogos), profissionais devidamente especializados na área da ES.

O projeto Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar (PRESSE) é um recurso, à disposição dos professores, facilitador da implementação da Educação Sexual no 3.º ciclo. Este Caderno, segundo o modelo de intervenção do PRESSE, preconiza a abordagem de três áreas temáticas, apresentando objetivos e sugestões pedagógicas que incluem propostas de atividades e de avaliação para o desenvolvimento global de cada uma das áreas temáticas, com o objetivo de promover a aquisição de competências e o desenvolvimento de valores fundamentais à vivência da sexualidade de forma responsável.

Utilizar métodos participativos, de discussão e reflexão, que facilitem a aprendizagem e a análise crítica das situações (jogos, dramatizações, brainstorming, trabalhos em pequenos grupos, estudos de caso, etc.), constitui uma estratégia pedagógica essencial para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais relevantes neste domínio. Os programas devem incluir múltiplas atividades educativas, concebidas para melhorar os níveis de literacia e empoderar os jovens para tomadas de decisão promotoras da sua saúde sexual e reprodutiva. As atividades definidas devem também abordar valores pessoais, atitudes individuais e normas sociais (familiares e de pares) sobre o comportamento sexual (UNESCO, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece ser hoje inequívoca a importância de programas e projetos no âmbito da educação sexual em contexto escolar dirigidos a alunos e professores. A sensibilização para as questões que envolvem as várias dimensões da sexualidade pode criar espaços privilegiados de informação e discussão sobre o corpo, as relações interpessoais, os afetos, mas também a contraceção, as infeções sexualmente transmissíveis e as competências emocionais.

A educação sexual nas escolas é uma necessidade e um direito das crianças, dos jovens e das famílias, previstos na legislação portuguesa desde 1984. A abordagem pedagógica das temáticas da sexualidade, numa lógica de interdisciplinaridade, assenta em pressu-

postos que podem favorecer uma mudança significativa dos níveis de literacia dos alunos neste âmbito, uma vez que a implementação eficaz da Educação Sexual em contexto escolar depende de um conjunto de fatores, nomeadamente a revisão dos currículos de formação de professores, com especial atenção para a literacia em saúde, onde a Educação para Sexualidade se enquadra. A interdisciplinaridade implica, portanto, alguma reorganização do processo de ensino-aprendizagem e pressupõe um trabalho continuado de cooperação dos professores envolvidos, com formação adequada, disponíveis e interessados, e políticas escolares que promovam a interdisciplinaridade como estratégia para leção destes conteúdos (Ferreira et al., 2022).

Criar uma situação de interdisciplinaridade implica humildade, partilha e trabalho conjunto dos professores. A prática interdisciplinar introduz um fator de mudança na pedagogia tradicional, incitando os docentes a desenvolverem o seu trabalho focalizado no aluno. Melhora as relações entre os professores, entre os alunos e entre os professores e alunos. A educação para a sexualidade numa perspetiva de interdisciplinaridade deve contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, para o desenvolvimento do pensamento crítico, do poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. O trabalho didático tem, por isso, de ser renovado, dando ênfase a novos recursos e instrumentos de ensino. É necessário ter mais rigor na planificação, definição de metas, seleção de conteúdos programáticos e de materiais didáticos, de modo a que se possa garantir sucesso do processo de ensino-aprendizagem neste contexto.

A ação educativa interdisciplinar é, pois, compreendida como uma ação formativa especializada, que visa a concretização das aprendizagens. Trata-se de encontrar a melhor forma e os recursos mais eficazes para facilitar aos alunos a apropriação efetiva dos conhecimentos, capacidades e atitudes, promotores da sua saúde sexual e reprodutiva, contribuindo também para o desenvolvimento de competências previstas no Perfil dos Alunos ao longo da escolaridade obrigatória (Ferreira et al., 2022).

Pretende-se que as reflexões desenvolvidas neste documento sirvam de guia aos professores no cumprimento do desiderato da educação sexual em contexto escolar. Professores mais capacitados neste âmbito contribuem para que os adolescentes possam adquirir conhecimentos que suportem comportamentos responsáveis e que lhes permitam ultrapassar, com confiança e sucesso, as dificuldades com que se possam deparar na vivência da sexualidade.

Referências Bibliográficas

Águas, F., Bombas, T., & Silva, D. P. (2016). Avaliação das práticas contracetivas das mulheres em Portugal. *Acta Obstétrica e Ginecológica Portuguesa*, 10(3), 184-192. <https://scielo.pt/pdf/aogp/v10n3/v10n3a02.pdf>

- Azevedo, M. A., & Andrade, M. F. (2007). O conhecimento em sala de aula: A organização do ensino numa perspectiva interdisciplinar. *Educar em Revista*, 23(30), 235-250. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602007000200015>
- Brêtas, J. R., Ohara, C. V., Jardim, D. P., & Muroya, R. L. (2009). Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 43(3), 551-557. <https://www.scielo.br/j/reensp/a/qpNvgvBwtxxLDKRhNmDsBVx/?format=pdf&lang=pt>
- Capuano, S., Simeone, S., Scaravilli, G., Raimondo, D., & Balbi, C. (2009). Sexual behaviour among italian adolescents: Knowledge and use of contraceptives. *The European Journal of Contraception and Reproductive Health Care*, 14(4), 285-289. <https://doi.org/10.1080/13625180902926920>
- Costa, S. (2015). *Conhecimentos, atitudes e crenças face à sexualidade e educação sexual de adolescentes do 8.º e 10.º ano de escolaridade* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Enfermagem do Porto]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/10779>
- Eaton, D. K., Kann, L., Kinchen, S., Shanklin, S., Flint, K. H., Hawkins, J., Harris, W. A., Lowry, R., McManus, T., Chyen, D., Whittle, L., Lim, C., & Wechsler, H. (2012). Youth risk behavior surveillance: United States, 2011. *Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries*, 61(4), 1-162. <https://www.cdc.gov/mmwr/pdf/ss/ss6104.pdf>
- Dias, S. M. (2009). *Comportamentos sexuais nos adolescentes: Promoção da saúde sexual e prevenção do VIH/SIDA*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Direção-Geral da Saúde. (2014). *Programa nacional de saúde escolar*.
- Frade, A., Marques, A. M., Alverca, C., & Vilar, D. (2001). *Educação sexual na escola: Guia para professores, formadores e educadores*. Texto.
- Ferreira, M., Cardoso, A. P., & Campos, S. (2022). Educação sexual no 3.º ciclo: Um diálogo entre saberes. In *Literacia em saúde e estilos de vida em contexto educativo* (pp. 108-121). Edições Esgotadas.
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual. (2007). *Educação para a saúde nas escolas: Relatório final*.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Ramiro, L., Reis, M., Diniz, J. A., Gaspar, T., Veloso, S., Loureiro, N., Borges, A., Diniz, J., & Equipa Aventura Social. (2012). *A saúde dos adolescentes portugueses: Relatório do estudo HBSC 2010*. https://aventurasocial.com/dt_portfolios/a-saude-dos-adolescentes-portugueses/
- Matos, M. G., Reis, M., Ramiro, L., Ribeiro, J. P., & Leal, I. (2014). Educação sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 15(2), 335-355. <https://scielo.pt/pdf/psd/v15n2/v15n2a03.pdf>
- Matos, M., & Simões, C. (2010). Sexualidade, segurança e sida. In *Sexualidade, afectos e cultura: Gestão de problemas de saúde em meio escolar* (pp. 257-262). Coisas de Ler.
- Nelas, P., Fernandes, C., Ferreira, M., Duarte, J., & Chaves, C. (2010). Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In F. E. Teixeira, *Sexualidade e educação sexual: Políticas educativas, investigação e práticas* (pp. 180-184). CIEd.

- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. (2010). *Orientação técnica internacional sobre educação em sexualidade: Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183281_por
- Pombo, O., Guimarães, H. M., & Levy, T. (1993). *A interdisciplinaridade: Reflexão e experiência*. Texto.
- Pombo, O., Guimarães, H. M., & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: Reflexão e experiência* (2.ª ed.). Texto.
- Ramiro, L., Matos, M. G., & Vilar, D. (2008). Fatores de sucesso da educação sexual em meio escolar. *Educação Sexual em Rede*, 3, 8-13. https://apf.pt/wp-content/uploads/2023/08/educacao_sexual_rede_n3-2008.pdf
- Ramiro, L., Reis, M., Matos, M. G., Diniz, J. A., & Simões, C. (2011). Educação sexual, conhecimentos, crenças, atitudes e comportamentos nos adolescentes. *Revista Portuguesa de Saúde Pública*, 29(1), 11-21. [https://doi.org/10.1016/S0870-9025\(11\)70003-7](https://doi.org/10.1016/S0870-9025(11)70003-7)
- Reis, M., Ramiro, L., Matos, M. G., Diniz, J. A., & Simões, C. (2013). Relação entre atitudes sexuais, conhecimentos e atitudes sobre VIH/sida na orientação sexual. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 14(1), 141-151. <https://scielo.pt/pdf/psd/v14n1/v14n1a09.pdf>
- Silva, A. S., Azevedo, J., & Fonseca, A. (2001). Valores e cidadania: A coesão social, a construção identitária e o diálogo intercultural. In R. Carneiro (Coord.), *O futuro da educação em Portugal: Tendências e oportunidades: Um estudo de reflexão prospectiva*. Ministério da Educação.
- Simões, M. C. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vilar, D., Ferreira, P. M., & Duarte, S. (2009). A educação sexual dos jovens portugueses: Conhecimentos e fontes. *Educação Sexual em Rede*, 5, 2-53. https://apf.pt/wp-content/uploads/2023/08/educacao_sexual_rede_n5-2009_compressed.pdf
- Zapian, J. (2003). Educação afectivo-sexual na escola. *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 36, 33-38.